

Letrário**editora*

Juba

Gabriela Ruivo Trindade

Setembro de 2008



Há muito, muito tempo, quando os animais e os homens ainda falavam a mesma língua, nasceu, na savana, um pequeno leãozinho. Com ele nasceram mais três irmãos, todos bem constituídos e fortes. Ele, porém, não conseguiu pôr-se em pé nem caminhar com a mesma agilidade que os outros. As pernas eram fininhas e fracas como caules de uma flor, vergando-se ao sabor do vento. Todo ele era pequeno e mirrado, comparado com a robustez dos irmãos.

A mãe leoa sobressaltou-se e ficou à espera para ver o que acontecia. Ela conhecia a lei: se não vingasse, o melhor seria deixá-lo morrer. Os mais fracos estão condenados, os mais fortes sobrevivem. Era assim desde que o mundo era mundo e nunca fora de outra maneira.

Porém, contrariamente às expectativas gerais, o leãozinho sobreviveu. Era notoriamente mais pequeno e menos encorpado que a média, mas lá se aguentou. Cansava-se com facilidade, não brincava com tanto entusiasmo, encolhia-se quando, à noite, ouvia os ruídos assustadores da selva, e, quando se deslocavam em bando para irem matar a sede ao grande lago, era sempre o último. Devido a estas características, os leões da mesma idade punham-no de parte nas brincadeiras, e os mais velhos estavam constantemente a criticá-lo.

Mas o pior estava para vir. Quando entrou na adolescência as diferenças entre ele e os outros acentuaram-se demasiado. Era agora nítida a fraca compleição do seu porte, os músculos atrofiados e a penugem baça e sem brilho. E, assombro dos assombros, começaram a despontar uns pêlos escuros, eriçados e crespos, à volta da sua cabeça.

É que, naquele tempo, os leões não tinham juba. Eram mais encorpados e musculados que os actuais, os pêlos eram mais compridos e mais grossos, os rugidos ecoavam dez vezes mais alto, e as garras cravavam-se mais dois centímetros em profundidade. Mas não tinham juba. E quando ao nosso amigo começou a nascer aquela pelagem à volta do pescoço, por cima do cachaço e debaixo do queixo, o espanto foi geral.

A partir desse dia, a vida de Olavo – assim se chamava o nosso leão – tornou-se um inferno. Ele já não era de todo popular e vivia afastado, sempre a um canto. Mas ao menos, tirando um ou outro abanão quando não se despachava, ou uma ou outra palavra menos amável, deixavam-no em paz. Mas agora não. Agora cada dia era um tormento. Era motivo de chacota geral. Os mais velhos cuspiam à sua passagem. As leas velhas culpavam-no de todas as desgraças que ocorriam: quando não chovia, eram os pêlos da sua juba os culpados; quando

chovia de mais, era novamente a sua juba a responsável, que, segunda Ella, a leoa mais velha do grupo, gerava electricidade estática e ora atraía ora repelia a água das nuvens.

Mas o pior de tudo, o pior mesmo, era o desprezo que lia nos olhos das jovens leoas. Nenhuma queria nada com ele. Enxotavam-no, troçavam dele e riam à sua custa. Dos machos, então, nem se aproximava. Estavam sempre prontos para lhe cair de garras em cima, exibindo assim a superioridade dos seus músculos e da sua ferocidade.

Olavo era um infeliz, escorraçado por todos. Já aprendera que o melhor era ficar quieto no seu canto e procurar não dar nas vistas. Mas nem assim o deixavam em paz. As conversas e as palavras amargas estavam sempre a martelar-lhe os ouvidos.

«Nunca vi nada assim!»

«Parece um fantasma!»

«Cá para mim nem leão é, é uma alma penada!»

«Era bem melhor que não tivesse nascido!»

«Sim, há coisas que deviam ser proibidas de existir!»

O mais terrível é que as frases mais cruéis saíam da boca da própria mãe. Ela, envergonhada por ter parido semelhante monstro, tinha de se redimir aos olhos do resto do grupo. Era ela sempre quem atirava a pedra mais bicuda, mais cortante, mais dolorosa.

Olavo passava, assim, grande parte do seu tempo sozinho, sentado numa pedra no cimo de um pequeno monte, olhando os outros animais. Os outros leões jovens eram aconselhados a não se afastarem do grupo sozinhos, por causa dos predadores mais fortes, mas a ele ninguém dizia nada. Tão pouco ele se importava. Às vezes, quase desejava que algum monstro o apanhasse, ao menos acabava-se aquele martírio que era a sua vida.

Gostava de observar as chitas, de pernas magras e angulosas e pescoços elegantes, que se moviam com a agilidade de uma serpente e com a graça de uma sereia, mas que conseguiam atingir uma velocidade invejável para qualquer leão. Às vezes achava-se mais parecido com elas do que com os leões, e apetecia-lhe aproximar-

-se e meter conversa. Até chegou a tentar, mas os olhares ameaçadores que lhe lançaram dissuadiram-no. No fundo, ninguém o aceitava, ele era diferente de todos e era por isso que não tinha lugar no mundo.

Como ninguém se preocupava com ele, depressa começou a perder forças. Na hora da refeição, quando todos se lançavam a uma peça de caça ensanguentada e fresca, ele era sempre o último a comer, quando já só sobravam os restos, que as hienas atrevidas, em bando, disputavam com ele, chegando a arrebanhar-lhe bocados da boca, com a arrogância própria de quem se sabe intocável. Até os abutres se aproximavam demasiado, com aquele olhar gelado e morto, onde não se lia nenhum temor. Realmente, ele não era um verdadeiro leão. Era uma aberração da natureza, era o que era.

Andava tão fraco e doente que um dia caiu numa armadilha para elefantes. Quando o viram, um pobre gato grande e cadavérico com uma farta cabeleira de selvagem, os homens fartaram-se de rir. Construíram uma jaula com troncos de árvore, meteram-no lá dentro, mais morto que vivo, e foram mostrá-lo ao rei.

O rei possuía um pequeno jardim zoológico privado de animais impossíveis: papagaios mudos, um camaleão só com um olho, uma galinha preta com dentes, um pequeno saguim hermafrodita, um chimpanzé fêmea sem uma

perna e uma grande arara cega. Quando viu o leão, quis imediatamente juntá-lo à sua coleção extravagante. Mandou chamar o curandeiro, pensando que, se ele conseguia salvar a vida de pessoas nas situações mais improváveis, também o conseguiria com um animal.

Passado um mês, Olavo estava irreconhecível. Engordara consideravelmente, o pêlo perdera aquela cor baça e doente, e brilhava agora com ambiciosos tons de castanho e alaranjado. A juba, imponente, bela, com uma nova luminosidade, dava-lhe pela primeira vez um ar de realeza. Até o seu rugido estava mais forte, capaz de amedrontar os corações mais inquietos quilômetros em redor! O monarca gostava de se passear com ele ao seu lado, para assim se tornar mais imponente e poderoso aos olhares alheios. Olavo passou a ser o seu braço direito. Esqueceu os seus instintos de fera; aliás, na verdade, nunca os desenvolvera. Era bem alimentado, acarinhado, aplaudido. Pela primeira vez era aceite e conhecia a sensação de pertença. E depois, era útil, a sua imagem representava a força, a coragem e a realeza daquela monarquia. Olavo nunca se sentira assim antes.

Com Olívia, a macaca coxa, desenvolveu uma amizade profunda e surpreendente – ele, que nunca soubera o que era ter amigos. A macaca era como uma mãe e uma irmã para ele. Brincavam rebolando no chão, dormiam abraçados, ela enrolada nas suas patas peludas e poderosas. Nas horas mais quentes do dia, quando o rei

dormitava no seu trono, refrescado por grandes plumagens que os escravos abanavam incansavelmente, Olívia sentava-se no dorso do seu grande amigo e catava-o com a sua paciência de chimpanzé. Era uma relação perfeita.

Mas aqueles eram tempos de guerra – e um dia o palácio foi atacado por uma tribo vizinha. Os inimigos vinham com tochas acesas e pegaram fogo a tudo o que encontraram pela frente. Os animais fugiram em debandada, e com eles Olívia e Olavo. Porém, o fogo tinha rapidamente progredido pelo interior do edifício, e eles ficaram cercados.

«Temos de sair daqui. Anda, monta-te no meu dorso!»

A macaca lá se ajeitou como pôde, com a única perna pendurada das costas do seu amigo, e as garras bem fincadas na pele do seu pescoço. O leão deu um salto por cima das chamas, mas – pouca sorte – nesse preciso momento um bocado do tecto desmoronou-se e caiu-lhes em cima, salpicando tudo em redor com bocados de terra e restos de madeira a arder. O leão ergueu-se a custo mas Olívia estava presa, e o enorme tronco de madeira chamuscado que lhe cobria metade do corpo era demasiado pesado para o leão arrastar. Além disso,

as chamas continuavam a dançar à volta deles e o fumo que lhes entrava pelas narinas fazia com que as suas forças fraquejassem. O peito debatia-se para abocanhar o pouco ar respirável, e doía tanto que não os deixava pensar com clareza.

«Vai» disse-lhe Olívia num fio de voz «Salva-te. Eu já não tenho forças...»

«Estás doida? Nunca! Não te vou deixar aqui sozinha!»

«Assim morremos os dois, meu tolo. Ao menos salva-te tu. Anda, vai!»

As palavras da amiga ecoaram no seu peito. Olhou para ela e viu que já tinha perdido os sentidos. Compreendeu, por entre as nuvens de fumo que se lhe acumulavam nos pulmões e no cérebro, que se ficasse ali mais um minuto morreria também. Ainda quis voltar-se e fugir, mas o medo paralisou-o. Para lá daquela batalha, para lá do anel de fogo que subia nos céus, para lá da escuridão, era a liberdade, era a vida, aquela vida de que tinha fugido há tanto tempo. Voltar para ela era voltar para aquele meio hostil que lhe ensombrara os dias de que já quase não tinha memória, mas deixara marcas profundas. Ele já não sabia viver sem o que

encontrara ali: quem lhe desse de comer, quem lhe escovasse o pêlo e o exibisse com orgulho, quem lhe desse importância, uma razão para viver. Isso tornara-se, com o tempo, mais importante do que o próprio ar, mais importante do que estar vivo. Preferia morrer, sem dúvida, a ter de enfrentar novamente o desconhecido, caras hostis, olhares de desdém.

Deixou-se ficar ali, enquanto o fumo lhe engolia as células do corpo e o fogo lhe purificava a alma – e nem os ossos sobraram para contar a história.

Mas o que ele não podia saber é que, muito longe dali, na savana, há exactamente três meses atrás, nascera mais uma ninhada de leõezinhos. Um deles era extraordinariamente robusto e mais desenvolvido que os outros – e logo se tornou o preferido do grupo. Era jovem e brincalhão, encantava os mais velhos com a sua exuberância infantil e o seu porte autoritário – os seus rugidos impunham mais respeito do que os de alguns leões adultos! Cresceu apapricado por todos, era o centro das atenções, o primeiro a quem era oferecida a comida, ficava sempre à frente nas corridas e disputas juvenis.

Um dia, no despontar da adolescência, começaram a crescer-lhe uns pêlos crespos e escuros à volta do pescoço, como uma coroa. A mãe ainda se benzeu – ela lembrava-se do Olavo, seu irmão, esqualido e apedrejado por todos, que morrera fazia algum tempo, e sentiu um arrepio na espinha, anunciador de um mau presságio. Os outros leões, principalmente as leoas, também estranharam aquilo, mas não fizeram caso. Ele era tão forte e querido e já ocupara um lugar tão especial entre os mais velhos que aquela pelagem estranha à volta do cachaço não o destronou, pelo contrário; tornou-se um sinal de força, mais uma evidência da sua majestosidade. As leoas, essas, até guerreavam para o ter, desejosas de serem donas da sua grandeza e de lhe oferecerem filhos com a sua marca.

E assim foi. Daí a muitas gerações, todos os leões machos ostentavam uma imponente juba, que se tornou um símbolo de poder e realeza.

Fim



Gabriela Ruivo Trindade é natural de Lisboa e vive no Reino Unido.

É autora dos blogues *Far Far Away* (<http://papuinlondon.blogspot.com>) e *O Outro Lado da Lua* (<http://outro-lado-da-lua.blogspot.com>).

Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt